

O desenvolvimento passa pelo crédito

FABIO C. BARBOSA

Administrador de empresas, é presidente da Federação Brasileira de Bancos (Febraban) e do Banco Real

O ano de 2007 foi bastante positivo para a economia brasileira. Na indústria como um todo, 83% dos subsetores apresentaram expansão em relação ao ano anterior. Na história recente, o resultado só não foi melhor do que o de 2004, ano de recuperação econômica. A indústria automobilística, por exemplo, bateu recorde no volume de vendas. Tudo isso largamente motivado pelo aumento da oferta de crédito no país, o que tem permitido o crescimento da demanda, impulsionando o aumento da produção, do emprego e do investimento.

O incremento médio do crédito nos últimos anos tem sido superior a 20% ao ano, tendo atingido 27% em 2007. O setor financeiro tem feito investimentos para cumprir seu papel na complexa equação econômica que busca o desenvolvimento da sociedade. Há, em tudo isso, uma questão incontestável: bancos fortes são necessários para que se tenha uma economia forte e vice-versa. Hoje, entre os cinco maiores bancos do mundo em valor de mercado, três são da China, o país que mais cresceu nos últimos 30 anos. Ou seja, os interesses são convergentes.

Note-se ainda que a base de clientes ativos nos bancos subiu de 77 milhões em 2002 para mais de 100 milhões em números atuais. Isso representa inclusão social, pois as pessoas passam a ter acesso a uma moderna rede de atendimento, sem ter que depender, entre outras coisas, de mecanismos ineficientes, como descontar cheque no comércio, sempre com desvantagem econômica.

Ora, se a base de clientes no sistema financeiro aumentou de forma tão expressiva, é porque o sistema financeiro ficou mais acessível e, sim, mais barato. Recentemente, o respeitado semanário inglês *The Economist* publicou um artigo mencionando estudo que revelava que o crédito, depois da educação, é o fator mais importante para a inclusão social. Ou seja, estamos no caminho certo.

Ou nem tanto, se considerarmos os recentes aumentos de alíquotas do Imposto sobre Operações Financeiras (IOF) e da alíquota da Contribuição Social sobre o Lucro Líquido (CSLL) sobre o lucro dos bancos, de 9% para 15%. Mesmo que o objetivo seja equilibrar as finanças depois do fim da Contribuição Provisória sobre a Movimentação Financeira (CPMF), a elevação de impostos pode ter impacto negativo no ritmo de crescimento do crédito.

A história econômica

tem bons exemplos de momentos de expansão da economia em que os interesses de determinados países estavam voltados para o desenvolvimento. O período da 2ª Guerra Mundial é exemplar. A Alemanha conseguiu crescer com a ajuda do dinheiro do Plano Marshall (cerca de US\$ 15 bilhões entre os anos de 1949 e 1952) e com uma série de medidas, como exportação, redução de desemprego; aumento de produção de alimentos. Por meio de passos pequenos, porém consistentes, o padrão de vida do país foi sendo elevado. O Japão focou na cooperação industrial entre fabricantes, fornecedores, distribuidores e bancos, criando os grupos chamados de keiretsu, e teve forte apoio do governo, que, em determinado momento, diminuiu as taxas de juros e impostos para estimular os gastos e os investimentos.

Cada país precisa encontrar a própria maneira de buscar o desenvolvimento econômico. Políticas intervencionistas podem ser importantes em determinados momentos de crises agudas, mas não para o que vivemos agora. A economia brasileira está indo muito bem, como reconhecido por to-

dos. Não devemos esquecer que o crédito mais do que dobrou nos últimos anos, graças a medidas adotadas corretamente, inclusive pelo atual governo para retirar entraves que limitavam o crescimento. Todos entendemos a necessidade do equilíbrio fiscal, mas sabemos também que já passou o tempo de soluções paliativas e unilaterais.

O momento é de criarmos uma agenda comum, aproveitando o bom momento que vivemos, para finalmente endereçar questões essenciais como a reforma fiscal e tributária. Precisamos de um debate mais amplo, envolvendo governo, Legislativo e demais setores da sociedade para avançarmos.

O interesse de todos é o desenvolvimento do Brasil e a oportunidade de se posicionar como líder em um momento de transição global, em que se apresentam oportunidades indiscutíveis na área de agricultura, aeronáutica, mineração e petróleo. O que precisamos é manter o que está sendo construído e focar na solução dos problemas que entravam um crescimento ainda maior, com base em diagnósticos claros e profissionais – sem preconceitos.

